

CRIAÇÃO DE DISPOSITIVOS PARA APROXIMAÇÕES COM UMA GEOGRAFIA DO INVISÍVEL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹

Chiara Pacheco Pettenon², Ana Maria Hoepers Preve³

1 Vinculado ao projeto “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”

2 Acadêmico (a) do Curso de Geografia Licenciatura – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

3 Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.preve@udesc.br

A presente pesquisa está vinculada ao projeto “*Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias*” encaminhada para o estudo de autores que referenciam uma outra postura filosófica em relação ao mundo. Nele temos com o objetivo produzir estratégias educacionais que explorem as multiplicidades de possibilidades na educação ambiental, dando visibilizando ao que foi invisibilizado ao longo do tempo e pelo modo de fazer atual que é calcado exclusivamente nos conteúdos informacionais. Nesse sentido, as questões que movem o projeto não dizem respeito ao estabelecimento de delimitações precisas de uma maneira de fazer, mas à constituição de um território de estudos com as imprecisões e imperfeições que o caracterizam como chão sobre o qual as experimentações se tornam vivas imantando a geografia. E por essa florescida convergência de conhecimentos no projeto, como bolsista que compõem junto com a orientadora, tomei contato com os saberes dos povos originários, e a partir desta primavera de aprendizagens passei a estudar a trilogia de Ailton Krenak em seus livros “Ideias para adiar o fim do mundo”, “A vida não é útil” e “O amanhã não está à venda”, algumas palestras e *podcasts*; o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e sua produção acerca do perspectivismo ameríndio; a geógrafa Doreen Massey e sua esfera de pluralidades para pensar o espaço; o antropólogo Tim Ingold e sua potente discussão a respeito de uma outra ciência em detrimento da ciência moderna e suas separação sujeito-objeto, o autor fala dos emaranhados vitais que constituem coisas e não objetos destituídos de sua vitalidade. Além destes autores, venho estudando alguns destes conteúdos no “Ciclo de Estudos Selvagens”. Tais estudos subsidiam a produção e o desenvolvimento de oficinas em educação ambiental que pensam o meio numa relação de proximidade; com isso o que também está em pauta na oficina é a noção de separação entre ser humano e natureza, sujeito e objeto e todas as outras que decorrem desta visão de mundo produzida pela ciência moderna. A oficina, por sua vez, é um modo de estudar e de preparar estratégias educacionais para podermos colocar atenção a um tema em especial. No tema há sempre uma imagem do pensamento que recobre os temas. Nosso intuito é criar um conjunto de fazeres denominamos dispositivos para desfazer a imagem que recobre os temas. Nossos dispositivos para a oficina foram: leitura coletivo

do texto de Ana Primavesi ‘A Cultura Perdida’, um jogo com materiais orgânicos, músicas de fundo, trecho do podcats- Chamaê #4 com Emicida entrevistando Ailton Krenak, pigmentos naturais, saída da sala para coletar restos de materiais orgânicos, confeccionar pincéis, pequena caminhada. Diálogo. Os dispositivos problematizam e ativam pensamentos e práticas que possibilitam experimentar e acessar a linha invisível que compõem as paisagens, os temas, as palavras. A partir desta perspectiva de ativar a linha invisível e ao mesmo tempo rasurar a imagem que recobre os temas, montamos a oficina para prestarmos atenção à prática da conexão. Neste momento estamos todo o tempo conectados sem saber onde, no espaço extensivo, estamos pisamos. Reforçamos aqui que é o sentido e a sensação de presença e atenção ao que nos acontece que queremos retomar com a oficina-dispositivo em funcionamento. Trata-se de reconhecer as potências que nos cercam, trabalhar com elas e a partir delas tentar diminuir as distâncias tão presentes na sociedade, e aumentar as presenças tão ausentes em nós e ao nosso redor. É uma tentativa (por ora uma tentativa mesmo, uma vez que tudo é começo aqui) de busca por uma conexão não apenas por fios e antenas, mas pelo afeto e reconhecimento a outros saberes, pelas coisas, pelo mundo e pelas aprendizagens que se fazem com as mãos. Realizamos a oficina com a turma da terceira fase do curso de licenciatura em geografia da UDESC com foco na produção conjunta de um sentido de conexão outra que se deu com os materiais dispostos ali e nossa mistura entre eles. Esta pesquisa se pauta numa espécie de possibilidade como aponta Krenak de que possamos olhar às montanhas, conversar com as estrelas, florestar as mentes e pensar com o que já não se pensa mais. No exercício de uma presença dada pelo contato com estes os materiais trazem de volta os emaranhados vitais que constituem os nossos meios, conforme Tim Ingold. Através dos momentos de uma construção pedagógica pela oficina foi possível perceber que ao dar materialidade e consistência para essa ativação do invisível conseguimos trabalhar com o além dos cercados que estamos colocados, florestando áreas novas em nós ofuscadas por um modelo de educação pautada na distribuição de informação. Concluímos de modo ainda breve que podemos passar toda uma vida pensando, fazendo uma profissão ao modo das monoculturas se não criarmos outros modos de trabalhar nossa atenção e presença nos processos educacionais. Esta pesquisa nos leva a criar situações educacionais para desmanchar a monocultura do pensamento em nós, e isso já é uma marca bastante significativa até o presente momento. A fase da pesquisa é que chegamos neste ponto de ativar e criar agroflorestas no pensamento para alçarmos uma educação ambiental mais comprometida com as camadas de invisível que permeiam e imantam o mundo. Não procuramos pensar a partir do latifúndio e da monocultura – não será a grande discussão, a grande história das coisas, tampouco o método certo para fazer isso ou aquilo... será a pequena discussão, a pequena história, a carne das coisas – uma maneira de sentir que pode, talvez, impulsionar uma maneira de fazer outra educação ambiental. A oficina e seus dispositivos são o modo de fazer que tratam de ativar a força daquilo que não se vê e, no entanto, constitui a força de uma geografia intensiva.

Palavras-chave: Oficina. Dispositivos. Educação Ambiental.